

BIOGRAPHIAS

De brasileiros distintos ou de individuos illustres que serviram no Brasil, &c.

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO (*).

O Marquez do Pombal tinha em sua alta politica conhecido a necessidade de cuidar do Brasil, e pois que muitos brasileiros talentosos haviam sempre em Portugal correspondido à sua confiança, veio elle tambem a ser grande protector dos brasileiros, qua em reconhecimento não perdiam occasião de o exaltar. Um d'elles, do qual ora nos vamos ocupar, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, amigo de José Basilio, não devia ser menos estimado por Pombal, a quem tanto louvor pro-diga na ode

« Não os herbes que o guive ensanguentado. »

Assim é que o mesmo Pombal, depois de o despachar primeiro juiz da fôra de Cintra, o elevou depois a ouvidor da comarca do S. João do El-Rei, em Minas. Durante a ouvidoria ali se casou; e depois transferiu sua residência para a campanha do Rio Verde, onde possuia lavras de ouro, a onde foi feito coronel do 1º regimento de Auxiliares.

As suas composições poéticas já antes o haviam recomendado para arcade ultramarino; porém até hoje não nos tem sido possível de decidir com certeza se o nome de Eureste Phénicio era o que levava como pastore.

Chegando ao Brasil o nosso poeta, magistrado e militar, a quem talvez não seria estranho o pensamento de Pombal de estabelecer na America a cabeca do imperio portuguez,

(*) Ainda que ja a Revista publicou uma biographia d'este poeta, decidimo-nos a incluir tambem esta, por conter factos na outra não mencionados.

A Redacção.

penetrou-se tanto d'esta idéa que com o vigor da convicção traçou uma ordem em que convida a rainha Maria I a passar-se ao Brasil, e asenhorear-se da America toda. E com isto o seu entusiasmo não se esquece de prevenir-a contra as naturaes rivalidades da antiga metrópole, e de fazer protestos pela lealdade de seus votos :

Vai ardente desejo ;
Entra humilhado na real Lisboa
Sem ser sentido do invejoso Tejo.

—
Da America o furor
Perdonai, Grande Augustâ, a lealdade,
São dignos de perdão crimes d'amor.

Em Minas é natural que começasse a conviver com Claudio e Gonzaga : além d'isso vemos que se dava com D. Rodrigo José de Menezes, ao depois conde de Cavaleiros, que governou aquella província desde 1778 até 1783. E bem digno é de ler-se o patriótico canto geneathliaco que compôz em 19 estâncias^{ao} ao filho d'esse Governador.

Igual amizade não travou de certo com o successor d'este ultimo, Luiz da Cunha de Menezes, que conservou o mando até 1789 ; e antes pelo contrario há toda a probabilidade de que com os mais mineiros tomasse parte activa contra os abusos d'este governador, tão fortemente satyrisado nas *Cartas Chilenas* (*), obra esta cuja composição cremos não seria estranha ao mesmo Alvarenga Puixoto, ainda supondo que não tivera n'ella parte. Do nome Direceu, pastoril de Gonzaga, faz-se n'ellas menção como amigo do autor ; também se faz referência a um chimico, e a um velho jurista, etc. -- A critica litteraria só por si dis-

(*) Só depois de ler muitas vezes esta composição, e de sobre ella meditar, é que chegamos a descobrir que se referia a um governador de Minas o não do Rio, como a principio imaginavamo. Darlo este passo, o marcar a época e apontar a pessoa do satyrisado farsarrão, já não ofereceria tanta dificuldade. *Cartas mineiras* libes podemos hoje chamar, visto que já não é necessário o disfarce. Até Minas e Villa-Rica entram no verso com o mesmo metro de Chile e Santiago.

fácilmente poderá resolver qual dos litteratos que estavam em Minas seria propriamente o autor das taes cartas satyricas. Devia ser pessoa versada na jurisprudencia, amigo de Gonzaga, de instrução variada e grande facilidade de metrificar. Além d'isso, parece que havia estado em Portugal; e que era autor recommendedo por seus escriptos. Esta ultima circunstancia julgamos deduzir dos dois seguintes versos de uma epistola que precede as *Cartas*, e que em 1826 foi impressa com as iniciais de Claudio:

« Que teus escriptos de uma idade a outra
Passardo sempre do esplendor cingidos. »

Dois poetas havia então em Minas em quem se davam todas estas condições: o de que ora nos ocupamos, e Claudio, cuja assinatura por Gonzaga fizemos sentir na sua biografia. A satyra de que tratamos é inferior ás obras que conhecemos de um e outro: no estylo ha redundâncias, e nos versos repetições de máo gosto, e ás vezes expressões menos decorosas que desdizem da alma maviosa de Claudio, e da lyra entusiasta de Alvarenga Peixoto. Com tudo, além de que ás vezes dorme o proprio Homero, e já não parece o mesmo, quem sabe se, visto que as mesmas cartas não deviam ser impressas, quereria também o autor sahir-se do serio para

« Refocilar a lassa humanidade. »

O certo é que os taes *Cartas Chilenas*, que talvez foram obra de Alvarenga Peixoto, são o corpo de delicto do orgulhoso Cunha de Menezes; ao passo que o desgoverno d'este foi talvez a origem da primeira fermentação em Minas que levou o povo à conspiração que depois se descobriu. Queixa-se o povo de Cunha de Menezes, e mal sabia se seguiria o caso da fabula que no successor d'elô encontrariam alguns o seu flagello!

No tempo de Menezes tinha-se dito

« Que a humanidade em si desgravada
Das injúrias que sufre, por teu braço
Os ferros soltara, que desastrouxa.
Tintos de fresco gotejado sangue. »

A' chegada de Barbacena correu a noticia de que ia elle forçar o pagamento de setecentas arrobas de ouro, que Minas

devia à coroa segundo a capitulação. Em vários círculos se tratou da impossibilidade de se anuir à tais ordens, e o direito natural lembrou logo os recursos que havia para a resistência. . . .

Os Estados-Unidos haviam sido felizes contra a metrópole : o chimico José Alves Maciel (talvez o das *Cartas Chilenas*), que voltava de estudar em França onde vira os princípios da revolução, julgava encontrar em Minas recursos bastante para sustentá-lo : o seu cunhado Freire do Andrade, comandante da Infantaria, deixou-se convencer ; e o nosso poeta Alvarenga Peixoto, vendo encontro favorável de realizar as suas idéias de formar-se um governo no Brasil, entusiasmou-se ; improvisou logo a bandeira para o novo estado, e propôz as providências que se deviam adoptar para crear partido e para resistir à guerra, na qual elle estaria à frente do seu regimento.

Mas, como sucede tantas vezes, alguns conspiradores converteram-se em denunciantes. Os réus foram apreendidos e julgados.

Em 1792 chegou ao Rio a sentença que condenava à morte, entre outros o Alvarenga Peixoto ; devendo além d'isso ficar infamada sua geração, confiscados seus bens, e posta sua cabeça em pelourinho em S. João d'El-Rei.

Segue-se uma catastrophe dramática. São o prestito sinistro ; e ao chegar à forca, é justicado o primeiro réu que os juizes deram como mais culpado. O terrasem esperava a vítima imediata. Mas em lugar d'esta junto ao patíbulo lhe-se um papel ; e os gritos de perdão ! perdão ! se propagam pelas turvas apinhadas !

Era um decreto de amnistia da Rainha Maria I, commutando aos outros a pena de morte.

A Alvarenga Peixoto destinava o degredo perpétuo para o presídio d'Ambaca nos sertões d'Africa . . .

E lá o levaram para Angola, onde pouco tempo viveu.

Infeliz ! Nem ao menos cobrem teus ossos terra civilizada, já que os não pôde cobrir a terra da pátria !

F. A. de Farnhagen.